

A edição da *Coletânea* que ora trazemos a público tem o mérito de contemplar um amplo espectro de interesses: epistemologia, história e filosofia da ciência, tecnologia e sociedade, ensino de filosofia, retórica e filosofia política, historiografia da arte, estética e religião. Desse modo, o periódico cumpre, uma vez mais, a sua finalidade, nomeadamente, fomentar a discussão de ideias nos mais diversos campos das humanidades.

No texto que abre a seção de artigos, João Fernando Christofolletti compara duas abordagens distintas da história da ciência, uma que considera a lógica interna da prática científica e outra que se baseia em fatores sociais.

No artigo seguinte, Jean Felipe de Assis trata do maravilhamento filosófico diante da noção de espaço, investigando tal noção a partir de uma perspectiva fenomenológica.

Luiz Adriano Gonçalves Borges discute as relações existentes entre tecnologia e sociedade, bem como suas possíveis influências recíprocas; o autor trata ainda do modo como algumas dessas questões são percebidas sob a ótica cristã.

Na sequência temos o texto de Wendel Alves dos Santos, que, partindo de uma reflexão sobre as significativas contribuições da filosofia para a ciência e do valor da própria ciência no mundo hodierno, salienta a importância do ensino de filosofia da ciência em nível médio.

Josailton Fernandes Mendonça contrasta os modelos de William Harvey e René Descartes sobre o funcionamento do sistema cardiovascular, e demonstra como a diversidade desses modelos decorre dos distintos métodos empregados por seus proponentes.

A seguir, Jeane Santos Silva procura defender, com base na doutrina do contextualismo epistemológico, o conhecimento próprio do senso comum contra ataques de viés cético.

André Magnelli destaca o papel estruturante que a retórica desempenha na filosofia política de eminentes pensadores da antiguidade e da modernidade.

No artigo de Nathalia Borghi Tourino Marins, a autora examina as dife-

renças de perspectiva na historiografia da arte e o modo como tais diferenças findam por afetar a percepção da própria arte.

No último texto da seção de artigos, Pe. Marcos Antônio Dias sustenta que a apreciação estética de obras de arte pode vir a constituir uma experiência mística, tornando-se, assim, uma via de acesso aos mistérios de Deus.

Fechando o nosso volume, Rita Codá nos brinda com sua tradução de um trecho da obra *O Adeus à viagem – a etnologia francesa entre ciência e literatura*, de Vincent Debaene, em que se discutem os “Tristes Trópicos” de Lévi-Strauss.

Os editores